

## SEMPRE EM CARTAZ

Mais do que um livro genial, em **ZIRALDO EM CARTAZ**, para mim o mais bacana é a confluência de generosidades que ele contempla. Ricardo Leite, o autor, resume este espírito logo no início: Nunca tive dificuldade em reconhecer e homenagear os meus heróis e o Zivaldo definitivamente tem lugar de honra nessa galleria". E o retratado compartilha generosamente com o leitor seus ídolos, influências e truques.

Logo de cara Ricardo abre o jogo e o coração; "Todo livro revela, disfarça e, na maioria das vezes, esconde emoções do autor. Este é diferente. Faço questão de alertar logo de início que se trata de um trabalho profundamente emocional, carregado de adjetivos e livre de preocupações acadêmicas"

Bendito seja este mix de emoção e generosidade explícita! Graças a ele, o livro pode ser navegado de diversas formas e por públicos mais diversos ainda. Diversidade, aliás, é a palavra melhor para definir o Zivaldão.

E, tem uma outra generosidade implícita. Ricardo quando cita "livre de preocupações acadêmicas", acaba tocando em um ponto interessante. Zivaldo é um advogado diplomado e um designer auto-didata. O seu sonho juvenil era ser 'affichiste' e teve que aprender tudo na marra, na raça. Foi se construindo e lapidando seu talento inato através do trabalho diuturno e da pesquisa prezeirosa, que o fez correr atrás de seus ídolos na Europa e nos EUA. A partir dos anos 60, com a criação da ESDI, o autodidatismo zivaldiano não era muito bem visto pelo sintetismo bauhausiano. Embora Zivaldo tenha feito cartazes com as mais variadas soluções e linguagens e mesmo se tratando de um esteta e um tipógrafo de primeiríssima linha, sempre houve uma certa falta de sintonia e uma falta de reconhecimento do setor, digamos, acadêmico.

Este livro, de uma certa forma, tenta corrigir este deslize histórico e preencher esta lacuna. Ricardo mostra de forma exemplar e até didática, a importância de cada faceta deste designer de mão cheia.

E que mão!!!!

Cá entre nós, a série da Sharp tem ilustrações de cair o queixo de qualquer um. O meu, pelo menos, já caiu diversas vezes. Aquarela, aerógrafo e lápis de cor utilizados com maestria. Trabalhos extremamente detalhados, ricos em texturas, lapidados pelo ourives madrugadora a dentro. Muitas vezes com o estúdio cheio de amigos, música e alegria. Nada que lhe tirasse a concentração. E ele confessa: Nesta série eu tinha um prazer FDP de desenhar. Queria me superar a cada desenho".

Sim, o livro é pontuado por frases de ambos, como se fosse um papo. Ou uma boa aula. No final do livro, inclusive, o autor dissecou dois cartazes do mestre

Citei a generosidade lá no início, como propulsora do livro, porque para mim, a característica mais marcante do Ziraldo sempre foi sua extrema, quase inesgotável, generosidade. Gênios não costumam ser generosos, mas Ziraldo é e isto passa também em seu trabalho mostrado neste livro. É visível a generosidade e o respeito para com o público-alvo. Ele se preocupa em 'ser entendido'. Na verdade ele precisa ser entendido. É visceral. Ele gosta de gente e quer se comunicar com o maior número possível de pessoas. Sempre. E com todas as limitações técnicas e orçamentárias que pintarem.

O autor comunga da mesma generosidade quando diz "Como a popularidade de Ziraldo é grande e o público interessado no livro pode ser bastante variado, procurei usar uma abordagem que permitisse a compreensão por todos os leitores". E como o autor é simplesmente um dos melhores designers gráficos da atualidade, esta 'abordagem' permeia não só o texto como todo projeto gráfico.

E, para completar, uma terceira personagem. Ana Maria Santeiro assina o projeto editorial. A ideia original é dela. Foi ela que pôs a pilha generosa e brilhante e quem aglutinou as generosidades do Ricardo e do Ziraldo. Trio da pesada.

Ziraldo me disse certa vez: "ideia? Eu tenho umas 300 por dia, o difícil é realizar" E como o homem realizou nestes últimos 50 anos... Perdi a conta. É tão larga e acachapante a produção que seriam possíveis infinitas maneiras de categorizar e editar todo o material garimpado. A opção encontrada foi genial: os cartazes foram setorizados por semelhanças de seus "elementos gráfico-visuais, o que pressupõe uma análise técnica de cada uma das peças apresentadas". Ricardo analisa e compara diversos cartazes, mostra referências e pontua tudo com observações do próprio Ziraldo

O livro é dividido, então, em capítulos: ZIRALDO ANTES DO ZIRALDO, mostra a fase inicial e a busca de um estilo próprio. ZIRALDO TIPOGRAFO ilustra as soluções tipográficas geniais, influências e soluções. ZIRALDO ILUSTRADOR mostra a mão genial do mestre. Ainda tem o ZIRALDO ENGAJADO com os diversos projetos com fins beneficentes, fechando com FEIRA DA PROVIDENCIA e a incrível coleção de cartazes feitos para o mesmo cliente, por 48 anos ininterruptos. Deve ser algum recorde. Esta série da Feira da Providencia está no inconsciente coletivo de qualquer carioca, de qualquer idade. Um 'sistema' de design', conjugando ilustração e tipografia, com pequenas adaptações e ajustes, que funciona brilhantemente até hoje. Comunicação direta com a mão inconfundível do mestre.

Certa vez, ouvi dele: ninguém sabe o trabalho que dá parecer que desenhei rápido. E põe rapidez nisso. É quase impossível acreditar que alguns cartazes feitos com o cliente/ amigo do lado, batendo um papo e tomando uns uísques. Rápido no gatilho e nas decisões. O Fortuna uma vez perguntou pra ele (tá no livro): “Pô cara, você trem certeza que esta é a melhor solução?” Sempre tinha. E o livro ainda tem o bonus de mostrar alguns cartazes recusados ou que nunca existiram como o que ele fez para Deus e O diabo Na Terra do Sol, ou o WAR, mandado para um concurso internacional e desclassificado por algum jurado ignorante.

Ziraldo, certamente é um dos artistas mais versateis que o mundo já viu e o livro mostra isto também. Além de ilustrador, designer e cartunista, vemos o Ziraldo autor de teatro e roteirista de cinema. E, sob certo aspecto, até o Ziraldo negociante, como na passagem em que é citada a série de cartazes feitos para a Secretaria de Turismo do Amazonas nos anos 1970. São cartazes geométricos, sintéticos ao extremo. Um deles inteiramente verde com a frase bilingue em baixo: Visite o Amazonas. E só. Chegou a ganhar um prêmio (que nem se lembra qual) e ao receber os 'parabéns' de um designer suíço, respondeu "pelo prêmio?". "Não, não, parabéns por você arranjar alguém que pagasse por cartazes como esses!". Ainda bem.

E ainda bem que arranjaram alguém disposto a editar esse livro.

Já que autor volta no tempo, aos seus 13 anos em uma visita ao Pasquim e abre o seu coração, farei o mesmo. Há alguns anos atrás, numa solenidade no Tribunal de Justiça do Rio em honra de seu cunhado (meu sogro), que estava se aposentando como desembargador, Ziraldo pediu o microfone, subiu na bancada e mandou ver. Após muitos risos e lágrimas generalizados, selou com a frase da noite: Silvio, você é foda!

Frase esta seguida de aplausos e urros de todos os presentes. Nossos senhores desembargadores engravatados, inclusive.

Nada mais me resta, pra fechar a tampa, plagiar o mestre: Ziraldo, você é foda!!!